

## Sobre paternidade e filiação: a propósito de um livro recente

Por: Maria Clara Bingemer

A correspondência de Alceu Amoroso Lima, - o grande e saudoso escritor e jornalista católico que durante anos se assinou sob o pseudônimo de Tristão de Athayde - com sua filha Lia, hoje Madre Maria Teresa, abadessa do mosteiro de Santa Maria ,em São Paulo acaba de ser lançada em primorosa edição pelo Instituto Moreira Salles.

Além de suas qualidades literárias e editoriais, é porém e sobretudo, um livro de fé. As cartas do pai à filha religiosa são todas elas banhadas do princípio ao fim pela luz da fé cristã. É essa fé que ilumina e dá sentido à vida desses dois seres que se amavam profundamente como pai e filha, mas que se amavam igualmente muito além do amor puramente humano paterno e filial. Trata-se da fé no mistério maior de Deus que dá sentido à vida de ambos: à militância do pai como escritor católico, formador de opinião e porta-voz da verdade e à escolha radical da filha que escolheu para sempre a clausura como modo e meio de vida.

Além de ser uma viagem à intimidade do autor, que derrama sem censura e sem defesa seu coração na pena que corre no papel destinado à leitura da filha, - confidente, cúmplice e parceira na fé e na entrega da vida a Deus e à construção de seu Reino – trata-se de um fascinante percurso pelos meandros de acontecimentos eminentemente significativos do século XX.

Na narrativa viva e verdadeira, pode-se sentir o pulsar do coração de Alceu que se deslumbra com o processo de mutação por que passa o mundo e a Igreja; que se indigna com os desmandos e as barbaridades da ditadura militar que por duas décadas se impôs no Brasil, marcando indelevelmente toda uma geração.

Pode-se sentir igualmente a atitude do homem de fé. Estão patentes ao longo de todas as páginas os dramas e as escolhas do cristão de coração aberto e ouvido atento que durante longos anos partilhou com aquela que mais o conhecia e compreendia seu desejo de fazer apenas e somente a vontade de Deus. As cartas são, portanto, testemunhas deste seu discernimento constante, de sua luta diária para, em meio às mais diversas e complexas situações, permanecer fiel à vontade de Deus sobre sua pessoa e sua vida, ainda que colocando em risco prestígio, relações, amizades e seguranças.

Certamente o corajoso jornalista que jamais abdicou do sagrado dever de dizer a verdade, colocando-se assim na posição de *persona non grata* em uma época na qual o medo imperava no país ia buscar forças para suas atitudes destemidas na missa diária e na oração humilde. Mas sem dúvida também lhe eram precioso apoio e encorajador estímulo a interlocução que podia ter com a filha religiosa contemplativa, que desde a clausura de seu convento, o lia, o amava e o acompanhava com sua oração.

Com ela podia abrir-se em inteira confiança e transparente confiança, sabendo que a escrita fluía banhada nos códigos da fé vivida e da caridade praticada. Poder escrever o que lhe ia na alma em toda liberdade, enquanto carregava o pesado fardo de dever ser para muitos sinal visível de retidão ética e fidelidade eclesial, representante emérito de um laicato letrado e fiel, chamado a ser fermento em meio às ambigüidades do mundo era certamente um consolo e uma alegria. E é esse o sentimento que se percebe ao longo de toda a correspondência. Ao afeto transbordante de ternura e admiração pela filha religiosa

se agregam o respeito e a confiança em alguém que podia ajuda-lo a permanecer fiel em meio a qualquer tempestade. Podia ajuda-lo porque também, como ele, se colocava à escuta d'Aquele que ambos reconheciam como o Senhor e o Sentido de suas vidas.

A toda uma geração de católicos, Alceu deu o testemunho de uma vida inteiramente dedicada ao serviço da fé e à construção da justiça. Este testemunho, no entanto, veio sempre indissolivelmente unido a uma imensa alegria, a um gosto sadio e verdadeiro pela vida, a um sorver a goles largos e saborosos as doces alegrias trazidas pela amizade, pelo amor, pela beleza. Alceu nunca foi um cristão sisudo, com ranço de sacristia, que amedronta mais do que atrai, que afasta mais do que aproxima as pessoas de Deus.

Na medida em que ia avançando em idade, parecia tornar-se mais jovial, sereno, aberto ao novo, acolhedor das velozes mudanças pelas quais passava sua época. E ao mesmo tempo, toda essa abertura sem peias, toda essa alegria solar convivia com a inquebrantável fidelidade que o fazia todo dia buscar forças na mesa eucarística, desejar viver e conviver dentro dos braços maternos e amorosos dessa Igreja na qual encontrou sua mais cara pátria. Toda essa rara harmonia, essa refinada combinação que fizeram do Doutor Alceu uma das maiores figuras brasileiras do século que passou está presente nas cartas que seu coração de pai envia à filha que sabe entende-lo porque, como ele, crê no mistério do amor que a tudo vence, da vida mais forte que a morte.

“Cartas do Pai” é, portanto, um livro de fé. Fé que opera pela eficácia do amor que transforma as existências pela misericórdia de Deus que a tudo dá vida e sentido. Fé que fez a Madre Maria Teresa abrir as comportas do seu tesouro e nos permitir hoje, em pleno século XXI, reencontrar Alceu em toda a sua plenitude. Como diz com rara felicidade Alceu Filho na apresentação da obra, esse livro representa a “volta à disponibilidade” de Alceu Amoroso Lima. Aquele que um dia deu “adeus à disponibilidade” mundana para trilhar a via estreita da conversão ao catolicismo hoje se torna novamente disponível em sua face mais íntima, através das cartas que o próprio Deus fez brotar de seu coração de pai.